

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivli*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

AS ALÇAÇARIAS DO DUQUE. A REDESCOBERTA DOS ÚLTIMOS BANHOS PÚBLICOS DE ALFAMA

Filipe Santos¹

RESUMO

Trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito de um projecto de reabilitação gizado para um edifício de traça oitocentista sito no bairro histórico de Alfama (Lisboa), permitiram não só resgatar as evidências materiais conotadas com a sua derradeira utilização enquanto balneário público (alçaçarias), como enquadrá-las, para usufruto de todos, dada a sua importância enquanto testemunho raro e monumental do singular aproveitamento hídrico desta parte da cidade de Lisboa, no espaço comercial redesenhado para o efeito.

A par dos aspectos ligados à própria diacronia das Alçaçarias do Duque, aos espaços e dinâmicas concretos deste complexo balnear, serão de igual modo atendidas algumas considerações sobre o contexto histórico-arqueológico reconhecido para a área precisa de análise, de acordo, também, com os próprios trabalhos de arqueologia.

Palavras-chave: *Gharb* Alçaçarias; Alfama; Água; Banhos; Património.

ABSTRACT

Archaeological work carried out within the framework of a rehabilitation project designed for a 19th-century building located in the historic quarter of Alfama (Lisbon), allowed not only to recover the material evidence associated with its ultimate use as a public bathhouse (alçaçarias), but also to frame them, for everyone's enjoyment, given their importance as a rare and monumental testimony to the unique use of water in this part of the city of Lisbon, in the commercial space redesigned for this purpose.

In addition to the aspects linked to the diachrony of the Alçaçarias do Duque, to the spaces and concrete dynamics of this beach complex, some considerations will also be taken into account on the historical-archaeological context recognized for the area that needs analysis, also in accordance with the archeology works themselves.

Keywords: *Gharb* Bathhouse; Alfama; Water; Baths; Heritage.

1. INTRODUÇÃO

Hoje praticamente desconhecidos, os antigos banhos públicos de Alfama, também conhecidos por Alçaçarias, fizeram não só parte da vida quotidiana da população de Lisboa até época relativamente recente, como perpetuaram, de forma indelével, uma tradição milenar.

Os trabalhos arqueológicos, cujos resultados possíveis aqui se apresentam e que colocaram em evidência as ruínas associadas a um desses complexos balneares, um dos mais relevantes de um grupo de estabelecimentos similares que souberam tirar proveito das características precisas da hidrogeologia

local, com nascentes de águas superficiais quentes presentes ao longo da rua de Terreiro do Trigo, foram desenvolvidos por duas etapas distintas. Numa primeira fase, compreendida entre o dia 23 de Janeiro e o dia 3 de Fevereiro de 2017, realizaram-se um conjunto de 5 sondagens, repartidas entre 3 sondagens ao nível do solo e 2 sondagens parietais. Dada a relevância das estruturas postas em destaque pelo plano de diagnóstico ao nível do solo, e tendo em conta a afectação que o próprio projecto de reabilitação teria sobre contextos arqueológicos preservados, tornou-se indispensável proceder-se à escavação em área de todo o espaço ocupado pelo rés-do-chão do imóvel, assumindo-se como limite, como

1. Arqueólogo Independente / santos.philipe@gmail.com

é norma numa intervenção desta natureza dita de arqueologia preventiva, as suas cotas inferiores.

Por outro lado, sendo este um aspecto que merece ser relevado, foi desde o início do processo de reabilitação ligado ao imóvel da Rua do Terreiro do Trigo, nº 52-60, manifestada a intenção por parte dos promotores, de salvaguardar os vestígios arqueológicos que ali pudessem vir a ser encontrados e, se possível fosse, enquadrar-se os mesmos no projecto de arquitectura que lhe serviria de base. A actividade arqueológica foi vista, pelo exposto, não como um entrave, mas sim como uma mais-valia. Os projectos de arquitectura viram-se assim alterados, desde a sua génese e por mais que uma vez, com o imediato abandono, por exemplo, da ideia de constituição de um elevador que possibilitasse o trânsito entre os distintos pisos do imóvel, tendo em conta, acima de tudo, a preservação das materialidades associadas à memória daquele espaço.

A intervenção em área decorreu, de forma ininterrupta, entre os dias 10 de Abril e 26 de Maio de 2017, salientando-se que a derradeira etapa dos trabalhos de reabilitação, que resultará na preservação *in situ* de parte do complexo balnear, com processo de classificação entretanto aberto nas devidas instâncias, não foi ainda, à data, lograda.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA INTERVENÇÃO

O bairro histórico de Alfama (Lisboa), localiza-se na encosta do Castelo, a sul, desenvolvendo-se até ao Tejo. Aqui, ao contrário dos planos de reconstrução regulares traçados para outros pontos da cidade, concretamente aqueles que vieram dar origem ao que hoje conhecemos por Baixa Pombalina, e apesar de todas as reconstruções necessárias levadas a cabo após a hecatombe de 1755, manteve a sua aura de traçado irregular. Pontuam as ruelas sinuosas e os becos, aos quais se associam construções de cariz popular, na sua maioria, tendo crescido de forma casuística nos volumes irregulares dos quarteirões fechados, recordando o apego a heranças antigas, algumas com influências notórias das arquitecturas urbanas de feição mediterrânea e norte-africanas. A par da arquitectura civil de raiz intimamente popular, onde a construção se processa de forma orgânica, por adaptação à própria topografia e envolvente directa com o recurso a técnicas construtivas simples e o mínimo de meios envolvidos, existem

marcas de edificações mais nobres em técnicas de construção e materiais empregues, apalaçadas, marcando presença, de igual modo, um conjunto assinalável de edifícios religiosos. A interacção entre todas estas componentes marcam o bairro, conferindo-lhe uma ambiência muito particular.

Os trabalhos em apreço foram desenvolvidos neste bairro num dos imóveis da Rua do Terreiro do Trigo, concretamente no nº52-60, pertença administrativa, hoje, da freguesia de Santa Maria Maior, concelho e distrito de Lisboa.

Com a característica área comercial ao nível do rés-do-chão, encontra os seus acessos principais voltados à Rua do Terreiro do Trigo, a sul. O seu corpo rectangular, de aspecto monolítico, típico das construções modernas pós terramoto, desenvolve-se ainda sobre a Travessa do Terreiro do Trigo, a oeste, e encontra os seus limites, a norte, no Beco dos Curtumes. A este encosta ao conjunto de construções que bordejam como um fio de primo a Rua do Terreiro do Trigo, até ao limite desta com o Largo do Chafariz de dentro, evidenciando-se aí o próprio limite do quarteirão onde este imóvel se estabeleceu. O recorte deste quarteirão, a norte, ultrapassado o beco dos Curtumes, artéria intimamente ligada ao próprio conjunto, encontra os seus limites na estreiteza mantida da Rua de São Pedro.

As coordenadas geográficas retiradas de um ponto central deste edifício são as seguintes: -11° 18' 38,113''; 35° 58' 08,409''. Apenas como valor de cota absoluta de referência, é aqui apontada a superfície lajeada do vestíbulo das próprias Alcaçarias do Duque: 2,70 m.

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

Pese embora a relevância histórica que as nascentes de água quente detiveram ao longo do tempo na parte da cidade que nos importa, de tal ordem que o próprio nome do bairro a partir delas parece ter-se cristalizado desde o período medieval islâmico - *Al-Hamma* (água de nascente quente) -, afigura-se importante para nós, tendo em conta o contexto intervencionado e a zona de implantação do imóvel em apreço, que este ponto destaque, essencialmente, dois aspectos fundamentais. Desde logo, aquele que diz respeito ao traçado da Cerca Fernandina e de alguns dos dispositivos que com esta se relacionam, assim como atender às realidades conhecidas do conjunto formado pelos antigos balneários públicos de Alfama.

Na verdade, e atendendo ao seu traçado conjecturado, não só um dos tramos daquele dispositivo defensivo medieval teria correspondência com o alinhamento do próprio tardo do edifício em análise, como também ali seria expectável observar-se, no ponto correspondente ao ângulo N do mesmo, desenvolvendo-se em planta no sentido E de acordo com a própria projecção de um dos alçados laterais do prédio oitocentista, uma das torres que se lhe poderia associar (*vide* Fig. 3).

Segundo Vieira da Silva (1949, p. 108), referindo-se-lhe como *Lanço Marginal Oriental*, o primeiro troço da Cerca Fernandina encontra-se nos tardo dos prédios da rua de Terreiro do Trigo nº 6 a 26, pelo que, no seu desenvolvimento natural, o mesmo teria correspondência com parte do muro que se pode observar no lado sul do Beco dos Curtumes e, concomitantemente, com o alinhamento do tardo do nosso edifício. Não obstante, é o próprio ainda a referir que parte deste troço se encontra suplantado pela construção de raiz das alcaçarias oitocentistas, tendo inclusivamente bem assinalado todos estes aspectos na cartografia que produziu tendo por base o seu estudo da Cerca Fernandina de Lisboa. A sondagem parietal que aqui levámos a cabo (SP1), com o intuito de comprovar a presença deste dispositivo militar tende a dar-lhe razão, podendo a parte preservada da estrutura defensiva medieval, como assim acreditamos, encontrar-se subjacente ao embasamento do próprio edifício.

Por outro lado, parecem-nos de igual modo importantes algumas das considerações que este autor avança não só em relação à Cerca Fernandina, como a alguns dos dispositivos que com ela se relacionam, nomeadamente uma das suas torres e um postigo. Sobre a torre, referindo-se-lhe mesmo como a Torre da Cerca junto das Alcaçarias do Duque (Silva, 1949: 110), usando para o efeito a representação da mesma vertida a partir de um desenho da cidade de Lisboa datado de 1650 e levado a cabo pelo arquitecto João Nunes Tinoco, diz o autor que dela não existem vestígios. De igual modo, uma das sondagens parietais que realizámos com o intuito de se clarificar a existência ou não deste dispositivo, parecem dar, uma vez mais, razão a Vieira da Silva, não se tendo desta torre observado qualquer evidência a cotas positivas (*vide* Fig. 4: D).

A importância desta torre, oca, a 77ª do conjunto que se podia associar à Cerca Fernandina, advém do facto de fontes históricas referirem que no interior

da mesma se encontrava uma mãe de água. Pertença de um particular, sugere Vieira da Silva que aqui se pudessem encontrar, pelo que deduz da informação histórica que colheu, a origem do estabelecimento das próprias Alcaçarias.

Muito perto desta torre, a O, encontrava-se o postigo de Alfama – ou das Alcaçarias –, a meio da via pública denominada rua ou Beco de Alfama. Mais adianta Vieira da Silva (1949:112), que este vão estreito da Cerca era de igual modo designado por Postigo da Lavagem, ou do lavatório de Alfama, Postigo Dalfama que vai para São Miguel, ou somente Postigo de São Miguel. Acrescenta ainda que já em 1625 e depois em 1650, foi proposto o seu entaipamento.

No Largo do Chafariz de Dentro, em zona próxima ao imóvel em análise e corroborando as interpretações de Vieira da Silva, uma ampla intervenção arqueológica viria a documentar, a par de outras realidades diacrónicas, elementos associados à muralha Fernandina, encontrando-se aí um dos troços ladeado por duas torres. A que integra o edifício da Rua do Terreiro do Trigo, n.º 2-4, bem visível, preserva o acesso por escadaria ao adarve da torre/muralha (Banha *et alii*, 2012 p. 71).

Um dos aspectos que ressaltamos na obra de Vieira da Silva é a análise e a descrição que este faz em torno do uso das águas e dos costumes com ela relacionados, nomeadamente no que às actividades económicas e comerciais diz respeito. Refere pois que até ao século XVII, todas as águas desta região eram unicamente aproveitadas para lavagem das lãs e curtimento de coiros. Refere ainda que não se sabia, na altura da sua publicação, a localização desses tanques de curtimento, mas inferindo, pela tradição apontada, que estavam nuns edifícios do lado norte do Beco dos Curtumes, tendo daí resultado o seu nome. Uma vez mais, e tendo em conta uma outra intervenção arqueológica da qual somos de igual modo responsáveis sobre esse mesmo lado do Beco dos Curtumes, Vieira da Silva bem inferiu. Encontram-se aí, efectivamente, provas inequívocas de uma importante oficina de curtimento e tratamento de peles. Sobre este aspecto, e tendo em conta o ponto que nos ocupa deste estudo, não poderíamos deixar de fazer referência à identificação, dentro de um distinto projecto de reabilitação por imóvel contíguo e desenvolvido pelos mesmos promotores, de uma porção significativa de uma oficina de curtumes pré-pombalina. Os elementos que com ela se relacionam, foram por nós identificados logo numa fase inicial através de

um plano de trabalhos de diagnóstico, dando a relevância dos achados posteriormente lugar a uma intervenção em área, à data ainda não concluída. Trata-se, em concreto, do imóvel da rua de S. Pedro, nº 21 a 25, e Beco dos Curtumes, nº 18 a 20.

Ainda no que toca ao estudo deste autor, não poderíamos de igual modo deixar de fazer referência às considerações que o mesmo continuou a tecer sobre a génese das Alcaçarias do Duque. Assim, e voltando à questão da localização da torre que ali antes se poderia observar e do seu aproveitamento como ponto de captação de água, refere que após o reconhecimento das propriedades terapêuticas das mesmas, construiu-se, para o seu aproveitamento, um edifício no exterior do perímetro amuralhado, o qual deverá ter aproveitado parte dessa estrutura ou da própria torre. Ao que tudo indica, deve-se a sua construção a um mercador veneziano, Francesco Studentelli, provavelmente um dos eventuais primeiros estrangeiros de Alfama. Isto em 1640. Este edifício haveria mais tarde de ser reconstruído e ampliado em 1716 pelo 1º Duque do Cadaval, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, passando então, por essa altura, a chamar-se Alcaçarias do Duque. Apenas para terminarmos as informações que colhemos junto de Vieira da Silva, parece-nos importante por último referir, recuando uma vez mais no tempo da diacronia histórica dos acontecimentos, que na zona da cidade que nos importa, havia, ao que tudo parece indicar, ainda antes da construção de D. Fernando, uns banhos que eram pertença do Mosteiro de Alcobaça, localizando-se os mesmos onde ainda hoje existe o prédio com a entrada assinalada pelo nº 8 do Largo do Chafariz de Dentro. Ao tempo do autor, ainda aí se aproveitava a água mineral da nascente.

No que à tradição de Alfama como pólo aglutinador de um número alargado de banhos públicos diz respeito, uma boa parte da informação que colhemos foi obtida também através do trabalho de Elsa Cristina Ramalho e Maria Carla Lourenço (2006), trabalho esse intitulado, precisamente, *As águas de Alfama - memórias do passado da cidade de Lisboa*, e que viria a ser posteriormente desenvolvido noutros estudos do mesmo âmbito e com outros investigadores associados (Ramalho, & alii, 2020). De leitura obrigatória em relação aos contextos hidrogeológicos de Alfama, não só se atende às especificidades geológicas da área em análise e às próprias características físico-químicas da água, como se procura enquadrá-las dentro do que se conhece ao

nível do conhecimento histórico sobre a diacronia do seu vasto aproveitamento.

Às águas quentes, que levaram posteriormente ao seu aproveitamento com fins comerciais e terapêuticos, apresentando temperaturas na maior parte dos casos superiores a 20°C e estruturadas de acordo com características geológicas muito específicas, foi designada, genericamente, o Grupo das Alcaçarias. A localização precisa deste tipo de estabelecimentos advém da localização de um conjunto de nascentes de água quente localizadas entre o Largo do Chafariz de El-Rei e o Largo do Chafariz de Dentro, ou seja, ao longo da rua de Terreiro do Trigo (Ramalho & Lourenço, 2006, p. 8).

Denunciada pela própria toponímia desta parte pitoresca da cidade de Lisboa, pontuando nomes como Largo do Chafariz de Dentro, Chafariz d'el Rei, Fonte das Ratas, a água oriunda de inúmeras nascentes, foi um elemento transformador da própria cidade. Não só a mesma acabaria, dadas as suas propriedades físico-químicas, utilizada como fins terapêuticos e medicinais, como foi um veículo essencial ao estabelecimento nesta zona, como vimos, de algumas atividades económicas que dela faziam uso extremo. Existem, desde o Séc. XVII, referências históricas à utilização das águas quentes deste bairro, nomeadamente pela sua utilização na lavagem de roupa e no seu uso para consumo com fins terapêuticos. Este relato é feito por Duarte de Leão, logo em 1610, na sua *Descrição do Reino de Portugal*. No seu uso enquanto elemento essencial no estabelecimento de um complexo balnear, é assumido o ano de 1716 como a data de abertura dos banhos chamados até ali das Alcaçarias, e que dali por diante se passariam a designar do Duque, sendo tão só por ser o próprio Duque do Cadaval o seu legítimo proprietário (Ramalho & Lourenço, 2006, p. 3).

Na ordem diacrónica dos acontecimentos, as Alcaçarias do Duque foram o primeiro estabelecimento do género, banhos públicos, ao que se lhe seguiram no tempo outros estabelecimentos similares mas sem a importância e o cuidado que estes detiveram até uma etapa avançada já da segunda metade do século XX. Recorde-se, por outro lado, que se acredita que as origens deste estabelecimento tenham tido lugar por intermédio de um mercador veneziano, ainda em 1640, e que, por sua vez, o havia edificado sobre o sítio quinhentista da Casa da Água das Muralhas. O edifício setecentista haveria de ser substituído em 1864, data que é assim apontada para a construção

do imóvel em apreço e que, não obstante, continuaria a sofrer intervenções que se encontram não só documentadas nos fundos históricos como as pudemos nós próprios comprovar no registo arqueológico.

A derradeira etapa do século XIX irá marcar, sobremaneira, a história dos balneários públicos de Alfama, tratando-se do episódio da concessão legal dos alvarás para a exploração termal dos mesmos. No caso concreto das Alcaçarias do Duque, esse alvará seria atribuído a D. Maria da Piedade Caetano Alves Pereira de Mello, senhora da casa de Cadaval, em 1894.

Vistas no decurso do processo de licenciamento como o único edifício construído de raiz para albergar um complexo balnear, as Alcaçarias do Duque eram, de todos os que existiam nas imediações – Alcaçarias de Dona Clara, Alcaçarias do Conde de Penela, Alcaçarias do Baptista... –, e segundo o relatório produzido na altura por técnico da Inspeção das Águas, o que exibia a melhor aparência, quer no seu interior, quer no seu exterior.

Já em 1927, achando nós que essa marca a tenhamos de igual modo identificado no registo arqueológico, o concessionário responsável pela exploração das Alcaçarias do Duque, foi autorizado a fazer algumas modificações no complexo balnear, ainda que as mesmas tenham sido severamente limitadas pelo espaço útil disponível.

Após o término da sua utilização como complexo balnear, o rés-do-chão do imóvel que nos ocupa acabaria, mais tarde, por ser alugado a uma instituição bancária que, nos inícios dos anos de 1980, ao que nos foi dito pela antiga proprietária do imóvel, se encarregou, nas obras que ali levou a cabo, de *partir aquilo tudo*.

Antes de ser adquirido pelos proprietários actuais, muita gente das redondezas ainda se lembra de ali ter funcionado a *loja do Chinês*.

4. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

A totalidade das estruturas arqueológicas destacadas pelos trabalhos que realizámos no imóvel em apreço, dizem respeito a um horizonte tardio, associado com a utilização e reformulação daquele espaço, única e exclusivamente, enquanto complexo balnear. Uma parte significativa das mesmas, tendo em conta, ainda assim, as remodelações evidenciadas, terá sido gizada no projecto inicial ligado à renovação das antigas Alcaçarias do Duque, projecto esse que acabaria por estar concretizado, como vimos, apenas em 1864. Neste caso concreto, a ausência de outros elemen-

tos patrimoniais, ficará a dever-se ao facto da própria intervenção arqueológica se ter interrompido no nível de utilização dos últimos balneários que aqui funcionaram. É perfeitamente credível, pelo exposto, a existência de uma estratigrafia antrópica que lhes estará subjacentes, e que não só poderá atestar níveis de ocupação anteriores dentro dos limites físicos intervencionados, como poderá, nalguns casos, mesmo encontrar-se conotada com realidades temporais relativamente próximas às que acabámos nós por reavivar.

Não intentaremos aqui, por clara falta de elementos que nos pudessem auxiliar nessa tarefa, tendo em conta que teria sido necessário proceder-se à desconstrução de uma pequena porção das ruínas por forma a que isso fosse possível, traçar aspectos do próprio sistema construtivo associado a este balneário público. O que sabemos, ainda assim, é que estes banhos não se mantiveram inalterados desde o primeiro momento edificativo, ocorrido já na segunda metade do século XIX, havendo destas reformulações não só marcas no registo arqueológico como noutra tipo de documentação, nomeadamente documentação escrita e gráfica a que também neste trabalho faremos alusão. Não obstante, algumas informações podem ser veiculadas tendo por base a nossa leitura sobre as evidências materiais e a estratigrafia passível de ter sido observada, informações permitidas pela leitura e registo da articulação entre os diversos componentes deste complexo balnear.

Parece-nos desde logo natural que um lugar onde a água é o elemento principal, fosse dado algum destaque ao nível dos materiais usados, quer nos pavimentos quer nos próprios revestimentos das paredes. A superfície criada facilitaria as limpezas frequentes a que cada balneário estaria sujeito, contribuindo, claro está, e essencialmente, para uma melhor higienização do local. Ainda que não seja clara a utilização de elementos azulejares no revestimento interno de cada cubículo, o facto de terem sido exumados dos níveis de preenchimento de algumas das banheiras fragmentos destes materiais de construção – porções de azulejos de cor branca –, levam-nos a supor que terão sido usados com essa finalidade.

Em bom rigor, com excepção de algumas estreitas porções de embasamentos de paredes de alvenaria calcária, estreiteza que terá relação directa com o material cerâmico usado também na sua elevação, nomeadamente pelo recurso a tijolos maciços, elementos que não só foram recuperados nos mesmos

níveis de aterro como se encontram presentes na linha de remate vertical visível nos alçados laterais do imóvel, tendo-se dado disso conta pelos resultados que uma das sondagens parietais nos ofereceu (*vide* Fig. 4/D:SP2), pouco mais restou preservado no registo arqueológico destas divisórias.

A excepção é feita aos negativos perfeitamente visíveis em planta pelo ligeiro rebaixamento observado entre a base da sua elevação e as lajes que compõem o piso de circulação no seu entorno, estejam estas associadas aos elementos usados nos corredores de acesso, ou no próprio espaço interno de cada banho. Como tal, e pelo que dissemos, apenas podemos inferir sobre a possível utilização de elementos de revestimento, monócromos, simples, brancos, provavelmente com 0,15 m de lado, em cada um dos balneários. Ainda assim, e acreditando que tenham efectivamente usado este género de elementos em larga escala, os fragmentos assinalados que, como referimos, provêm dos níveis de entulho observados nalgumas banheiras, juntamente com outros tipos de materiais de construção e fragmentos resultantes da sua própria destruição, não são em número muito significativo, pelo contrário.

Por outro lado, são de igual modo em número pouco assinalável os fragmentos de tijolos maciços que terão servido na elevação das paredes divisórias de cada cubículo associado a um banho. Embora meramente conjectural, levantamos a hipótese de ter existido um reaproveitamento destes materiais – daqueles que se terão recuperado em bom estado –, por aqueles que operaram o interface de destruição sobre o conjunto de estruturas associadas a este balneário público e que terão permanecido intactas, ou praticamente, quase até ao início dos anos de 1980. Não só os azulejos subtraídos poderiam perfeitamente voltar a revestir uma outra superfície, como os tijolos maciços poderiam dar lugar a novas construções. Podendo facilmente dividir-se fisicamente por três áreas perfeitamente distintas, as estruturas arqueológicas que chegaram até nós compreendem uma área de captação e contenção de água, localizada na extremidade N/NO do complexo e onde se podem observar um conjunto de 4 tanques; uma área central com correspondência aos banhos propriamente ditos e respectivos corredores de acesso, e um amplo vestíbulo, que os antecede, localizado na extremidade SE. Na confrontação entre o conjunto de estruturas assinaladas no primeiro levantamento conhecido, levado a cabo ainda nos finais do século XIX (1894)

aquando do processo de licenciamento deste complexo balnear (Ramalho & Lourenço, 2005, p. 10), e aquelas que chegaram até nós, existem algumas diferenças assinaláveis, (*vide* Fig. 6).

Essas diferenças, mais até do que o desenho esboçado da própria planta do edifício, que embora tendencialmente trapezoidal é ali representado de forma perfeitamente rectangular, prendem-se, essencialmente, com a área de captação e contenção da água usada no complexo balnear, sendo visivelmente notória a transformação operada sobre o conjunto de tanques que se localizam na extremidade N/NO da sala, e aquelas levadas a cabo sobre a rede de circulação e escoamento de água no interior deste espaço. Em ambos os casos, há claramente uma assinalável transformação destas construções, acção que terá relação directa, assim julgamos, com uma reformulação destes banhos concretizada já nos inícios do século XX, usando-se, para o efeito, um novo material em detrimento das argamassas antigas de areia e cal onde as lajes assentam, o cimento.

Por outro lado, parece-nos que a par das alterações bem evidentes operadas sobre a área dos reservatórios, e concomitantemente sobre o próprio sistema de condutas que alimentam e escoam cada um dos balneários, também uma boa parte do piso de circulação/utilização deste espaço terá sido profundamente alterado entre o primeiro registo gráfico conhecido das Alcaçarias do Duque, datado de finais do século XIX, como vimos, e a remodelação a que este espaço foi permitida já nos anos de 1920 (Ramalho & Lourenço, 2005, p. 11).

Ao analisarmos a planta elaborada pela Inspeção das Águas no âmbito do processo de licenciamento dos banhos públicos, é visível junto à fachada principal do imóvel, na extremidade S da sala, com as arcarias do generoso pé-direito assentes quer nas paredes laterais do imóvel quer no conjunto de colunas presente pelo seu espaço interno, na zona que antecede a entrada para os banhos propriamente ditos, um espaço bem compartimentado e que se encontra assinalado como *Sala de espera*. As evidências dessa compartimentação, que em parte seguia a linha divisória dos banhos voltada ao corredor de acesso da ala SO, e que se continuam a registar, desapareceu por completo. Acreditamos, pelo exposto, que não só o lajeado constituído por elementos de 0,50x0,50 m de lado, e que alternam a cor entre o calcário cinzento/azulado e o branco, parece fazer parte dessa acção remodeladora de inícios do século

XX, como todos os restantes elementos presentes ao longo do próprio corredor de acesso aos cubículos localizados na extremidade SO da sala. O lajeado associado ao espaço interno de cada um dos banhos não só difere nas dimensões dos elementos usados, como na própria matéria-prima, encontrando-se também ali presentes elementos da geologia calcária local, como as placas calcárias – de distinta tonalidade – mas também o mármore branco e o líoz. A única exceção feita sobre o que acabámos de referir prende-se com o lajeado associado à bateria central de banhos, assistindo-se aí, por certo relacionando-se com a materialização de uma conduta tardia que se desenvolve em paralelo ao seu enfiamento, à utilização de elementos esquadriados de calcário de cor esbranquiçada e rosada, com 0,50 m de lado.

Tendo em conta as evidências arqueológicas, parece-nos claro que num curto espaço de tempo, cerca de 30 anos, apenas, houve uma profunda remodelação do complexo balnear, remodelação essa operada não só sobre os elementos de captação e contenção de água, mas também sobre o próprio sistema de abastecimento e escoamento, provavelmente para fazer face a falhas iniciais observadas no correcto funcionamento dos banhos públicos. Essas alterações foram não só responsáveis pela introdução de materiais de construção novos, como alteraram a configuração do próprio espaço. Pese embora nada a assinalasse, julgamos que ter-se-á mantido por esta altura a sala de espera que se localizava na extremidade sul das Alcaçarias, disposta sobre o ângulo S do amplo vestíbulo que se desenvolve, transpondo-se os degraus da entrada, junto ao alçado principal do imóvel.

No final dos anos 20 do século passado, e pese embora parte do sistema de saneamento anterior tenha sido mantido, como parece documentar-se pela manutenção da conduta já assinalada na planta de finais do século XIX e que corre sobre o lado SO em paralelo aos banhos localizados sobre essa extremidade da sala, outros não só terão sido criados de raiz por esta altura, como o representado sobre a parte central do edifício e que a planta antiga não assinala, cortando à sua passagem as próprias canalizações antigas de chumbo, como parece estar-lhe associado também um conjunto de “caixas de visita” que serviriam à manutenção do sistema, bem como a própria instalação de um equipamento moderno de bombeamento de água, este observável pelas duas peças em ferro rebitadas de configuração circular, em paralelo à conduta central dos balneários, e insertas

no interior dos compartimentos associados aos banhos número 7 e número 8.

Ainda no que à remodelação dos anos de 1920 operada sobre os balneários diz respeito, tendo essa evidência sido registada também por nós, importa referir que algumas das banheiras de pedra acabaram por ser substituídas por dispositivos do mesmo género, mas em metal. Foi observado um corte operado nas banheiras dos balneários nºs 1 a 5, tendo estas ficado reduzidas quase à sua base interna, colocadas manilhas de escoamento em grés (*vide* Fig. 7: A e B), e colocado um lastro de cimento sobre o que delas remanesceu, tendo sido nesse lastro – que não sabemos se terá sido revestido com material cerâmico – que foram assentes banheiras em metal. Dois pés dessas mesmas banheiras, em ferro forjado, haveriam por nós de ser recolhidas nos níveis de aterro observados e que se prendem com as alterações operadas sobre o espaço aquando do funcionamento do mesmo como balcão bancário (*vide* Fig. 7: D).

Já em pleno século XX, tendo em conta ainda a última grande alteração observada no rés-do-chão do imóvel em apreço, a par de todo o interface de destruição operado sobre as antigas estruturas ligadas aos balneários públicos das Alcaçarias do Duque, onde inclusivamente se aproveitam algumas das infraestruturas antigas para fazer-se passar condutas de PVC ligadas ao saneamento instalado à época, houve a preocupação, de modo a que a água continuasse a ser conduzida desde o seu ponto de captação para o exterior do imóvel, de se criar um canal que, a partir desse mesmo ponto de captação, canalizasse a água sob um dos alçados laterais – alçado SO, entre os banhos nºs 2 e 3 -, para o exterior do imóvel. Tal como todas as outras estruturas, condenadas, também este canal haveria de ser coberto pela possante camada de betão armado que subtraímos no processo de escavação arqueológica.

Ainda no que toca às estruturas arqueológicas ligadas às antigas Alcaçarias do Duque, podemos referir, no que toca a dados arqueométricos, que as banheiras de mármore, monolíticas e de configuração ovalada, detinham um comprimento de 2 m por 1 m de largura, variando o seu nível de preservação entre os 0,15 m e os 0,50 m.

Algumas destas banheiras, como aquelas observadas nos banhos nºs 7 e 8, ainda preservavam um pequeno banco (*vide* Fig.8), também ele em mármore, localizado junto à sua extremidade SE, havendo deste dispositivo, pelos entalhes laterais com

que os mesmos foram fixados, noutras banheiras do complexo. É credível que todas dispusessem deste dispositivo, tendo o mesmo sido preservado apenas nos dois casos aludidos.

Ao nível dos cubículos ligados a cada um dos quinze banhos individuais, as suas áreas internas variam substancialmente, sobretudo entre aqueles que se localizam na extremidade NE da sala, definindo em planta configurações tendencialmente trapezoidais, e alterando o espaço útil de utilização mínimo entre os 2,46 metros quadros – e as outras salas de banho dispostas a meio e na extremidade oposta, detendo estas em planta uma configuração tendencialmente rectangular e aproximando-se bastante as suas áreas úteis, apresentando cada sala cerca de 4,45 metros quadrados.

No que toca às dimensões das condutas, com uma pendente ligeira de NO/SE, as que se ligam à alimentação e escoamento da água dos banhos, detêm uma largura de 0,21/0,25m por 0,50/0,55 m de altura, encontrando-se as mesmas, primitivamente, recobertas pelas mesmas lajes associadas ao piso destes balneários. A conduta central, que arranca a partir de um dos tanques localizados na extremidade NO desta sala, haveria de ser reaproveitada para a colocação de uma manilha de saneamento ligada a uma instalação sanitária que foi desmontada no decurso dos nossos trabalhos e que se localizava na extremidade N deste espaço, sobrepondo-se a mesma, em parte ao tanque maior localizado precisamente sobre esse ângulo da sala.

Apenas referir, por último, que tão só uma das bases de secção rectangular das colunas presentes nesta sala, com fustes bojardados, evidenciada pelo rasgo operado na década de 1980 para escoamento da água do interior do imóvel, dando-se conta de se tratar de uma estrutura em alvenaria argamassada e de configuração quadrangular, foi identificada.

5. NOTAS FINAIS

Ainda que seja sempre com algum grau de insatisfação, tendo em conta a escassa informação arqueológica que conseguimos aportar pelos trabalhos que desenvolvemos no imóvel em apreço, nomeadamente pela total ausência de contextos anteriores aos banhos públicos que ali laboraram desde os finais do século XIX até finais da segunda metade da centúria seguinte (1978), não deixamos de nos regozijar pelo resgate que os mesmos permitiram sobre esta reali-

dade mais recente da História da cidade de Lisboa.

O salvamento das evidências materiais conotadas com os antigos balneários públicos das Alcaçarias do Duque, constituem, pela sua importância, um marco importante na preservação da memória associada a um contexto muito particular.

O contexto hidrogeológico de Alfama, também ele muito preciso, foi o mesmo responsável pelo desenvolvimento paulatino de um conjunto de infraestruturas com importantes reflexos económicos e sociais. Aos cuidados de saúde e de higiene aliaram-se as actividades que souberam também tirar proveito desse manancial, encontrando-se delas hoje testemunho apenas na toponímia local ou por um conjunto de evidências arqueológicas de relevada importância, com é o caso.

O termo Alcaçaria, que não pode dissociar-se dessa realidade, parece em si mesmo encerrar um conjunto vasto de significâncias. A elas não só se poderiam associar os espaços onde os tanques ligados ao tratamento e curtimento de pele de animais se encontravam localizados, dando-se disso nota uma vez mais na própria toponímia local e nos achados arqueológicos também entretanto relevados, como se aplicaria de igual modo a outro conjunto de instalações dos quais fazem parte os banhos públicos de que aqui demos conta. Em boa verdade, estas instalações não só encontram longa tradição na cidade de Lisboa, como acabam, nalguns casos, por localizar-se por área geográfica relativamente próxima (Fernandes, 2009, p. 199).

Terá sido, ainda assim, apenas a partir da Idade Média, e possivelmente sob a ocupação islâmica do nosso território, tal como aquele dado ao bairro que as encerra, que o termo ganha destaque.

Gostaríamos, por outro lado, de reforçar a ideia de que desde o início deste processo foi sempre manifestada a intenção por parte dos promotores, a expensas próprias, de salvaguardar os vestígios arqueológicos que pudessem vir a ser encontrados. Se possível fosse, reformular-se o próprio projecto de arquitectura inicial em conformidade, tendo por base as eventuais realidades patrimoniais. Parece-nos ainda raro, em abono da verdade, quando os trabalhos de arqueologia e as informações que aportam a vários níveis são vistos como uma mais-valia. Foi o caso.

Findos os trabalhos arqueológicos mais relevantes pelo local, relevantes mesmo no que toca à sua dimensão, a nova fase de trabalhos arqueológicos no imóvel da Rua do Trigo, nº 52-60, incluirão o neces-

sário acompanhamento com vista à manutenção da integridade física das ruínas postas a descoberto, assim como ao registo que será necessário realizar de eventuais contextos que não tenham sido observados pelos trabalhos anteriores, conjugando-se a derradeira etapa da empreitada e o respeito desta pelo projecto de arquitectura, comportando o mesmo, em boa hora, a conservação das estruturas arqueológicas.

A breve trecho, as ruínas arqueológicas dos últimos banhos públicos de Alfama, devidamente integradas e interpretadas, poderão reforçar, de forma significativa, o já importante leque de oferta cultural da cidade de Lisboa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Lúcia (1998) - Capitel das Thermae Cassiorum de Olisipo (Rua das Pedras Negras, Lisboa). Revista Portuguesa de Arqueologia. Volume.12, número 2. pp. 191-207.

RAMALHO, Elsa Cristina; LOURENÇO, Maria Carla (2005) - As águas de Alfama - memórias do passado da cidade de Lisboa. Revista da APRH, v. 26, pp. 101-112.

RAMALHO, Elsa Cristina; LOURENÇO, Maria Carla (2006) - As águas de Alfama - a riqueza esquecida da cidade de Lisboa. Boletim de Minas 40 (1), pp. 5-24.

RAMALHO, Elsa Cristina; Lourenço, Maria Carla (2006) - As águas de Alfama como património hidrogeológico de Lisboa. In: Actas do VII Congresso Nacional de Geologia, Universidade de Évora, pp. 1-4.

RAMALHO, Elsa Cristina; RAMALHO, Elsa Cristina; MARRERO-DIAZ, Rayco; LEITÃO, Manuela; RAMADA, Ana; PINTO, Cláudia (2020) - Alfama Springs, Lisbon, Portugal: Cultural Geoheritage Throughout the Centuries. *Geoheritage* 12, 74.

SILVA, Rodrigo Banha da Silva; MIRANDA, Pedro; VIEIRA, Vasco Noronha; VICENTE, António Moreira; LOPES, Gonçalo C.; NOZES, Cristina (2012) - Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna - Velhos e Novos Mundos. *Estudos de Arqueologia Moderna*, Vol.I, pp. 71-84.

VIEIRA DA SILVA, Augusto (1949) - A Cerca Fernandina de Lisboa. Volume I. Lisboa, pp. 1-100.

VIEIRA DA SILVA, Augusto (1949) - A Cerca Fernandina de Lisboa. Volume II. Lisboa, pp. 101-112.

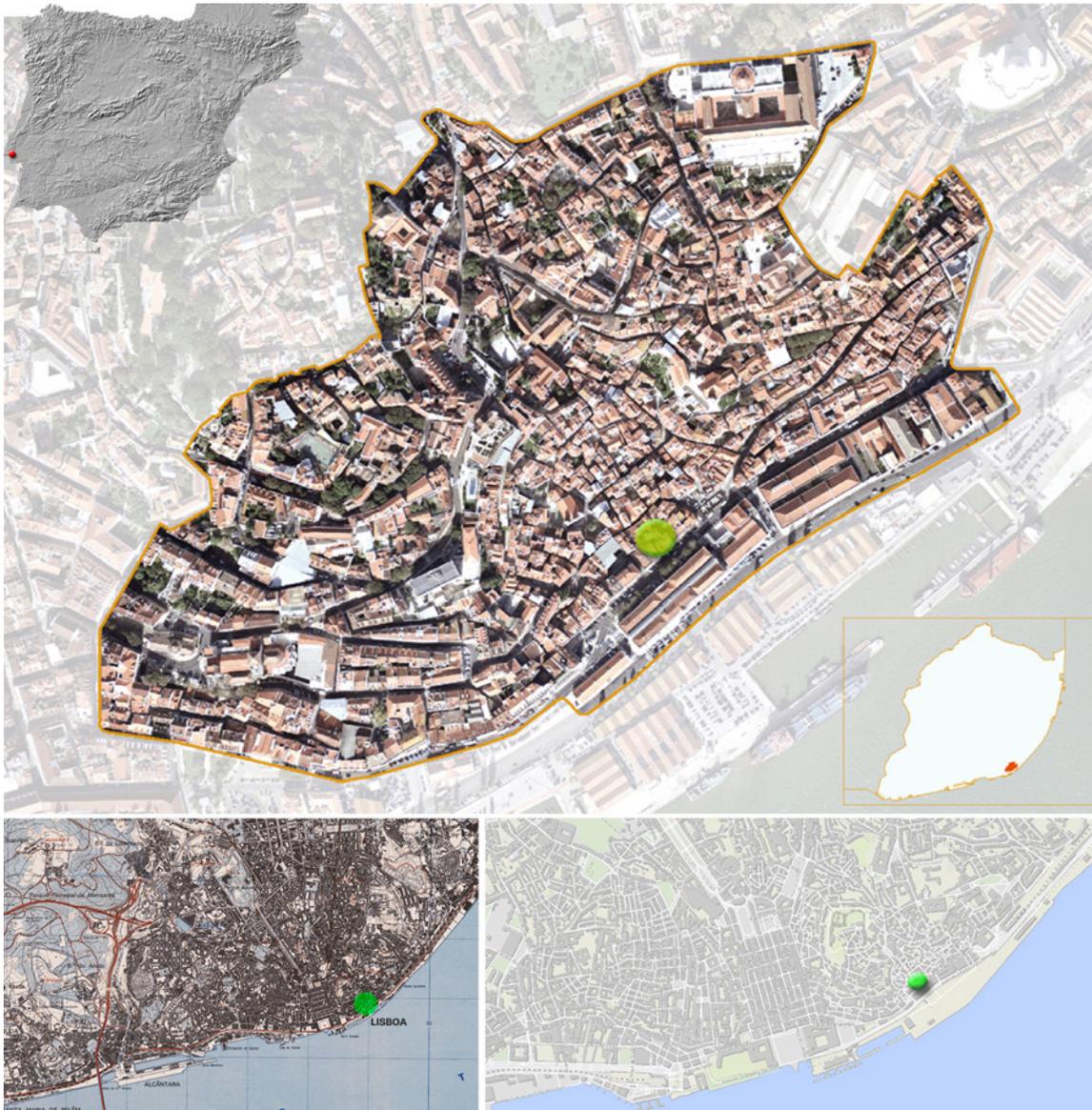


Figura 1 - Localização da zona de intervenção no mapa da Península Ibérica e na Carta Militar Portuguesa, esc. 125:000, fl. 431. Ampliação da escala de visualização sobre a zona de análise a partir de cartografia obtida no Sistema de Informação Geográfica da Câmara Municipal de Lisboa (Lisboa Interactiva).



Figura 2 - As Alcaçarias do Duque, em primeiro plano. O piso 0 desde a entrada antes da intervenção em área.

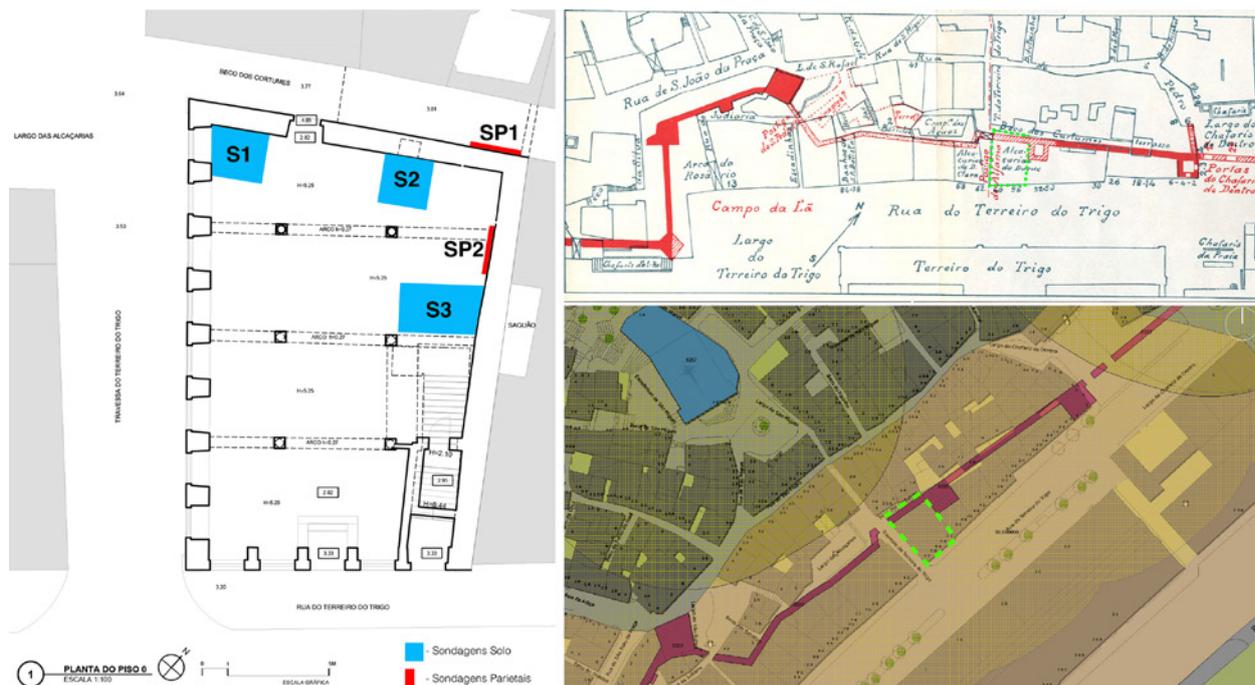


Figura 3 - Plano de diagnóstico arqueológico (S=Solo; SP=Parietais). Localização do imóvel em relação ao traçado conjecturado por Vieira da Silva (1949, Mapa XX) e na Cartografia do Projecto de Reabilitação).



Figura 4 - Vista em profundidade sobre os tardozes dos prédios da rua de Terreiro do Trigo desde o Beco dos Curtumes, a partir de O (A) e E (B). Sondagem parietal 1 (C) e sondagem parietal 2 (D).



Figura 5 – Sondagens de diagnóstico 1, 2 e 3. Planos, perfis estratigráficos e registo fotográfico final.

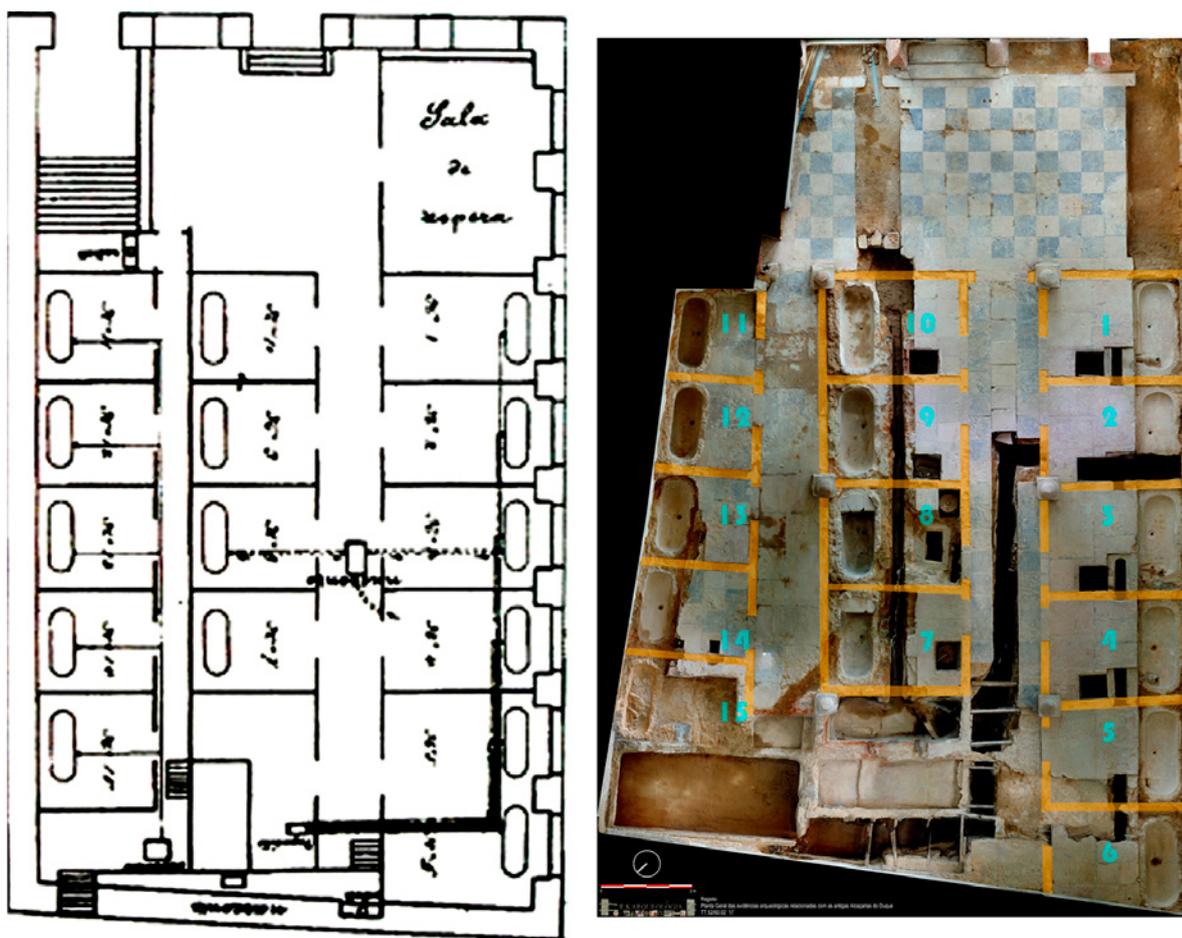


Figura 6 – Plano do balneário público das Alcaçarias do Duque de acordo com o processo de licenciamento pela Inspeção de Águas no ano de 1894 em confrontação com planta geral obtida por processo de ortorrectificação fotográfica após os trabalhos arqueológicos que desenvolvemos no local.



Figura 7 - Interface de destruição operado sobre a banheira associada ao cubículo nº 2 (A) e nº 1 (B) datado dos anos de 1920, vista geral sobre os banhos (C) e elemento de banheira em ferro recuperado (D).



Figura 8 - Trabalhos de escavação arqueológica em curso, e banheiras nºs 7 e 8, com bancos ainda preservados associados numa fase intermédia da intervenção e ao final.



Figura 9 – Levantamento topográfico e planta geral orientada a N obtida por processo de ortorrectificação fotográfica após os trabalhos arqueológicos que desenvolvemos no local. Vista 3D.

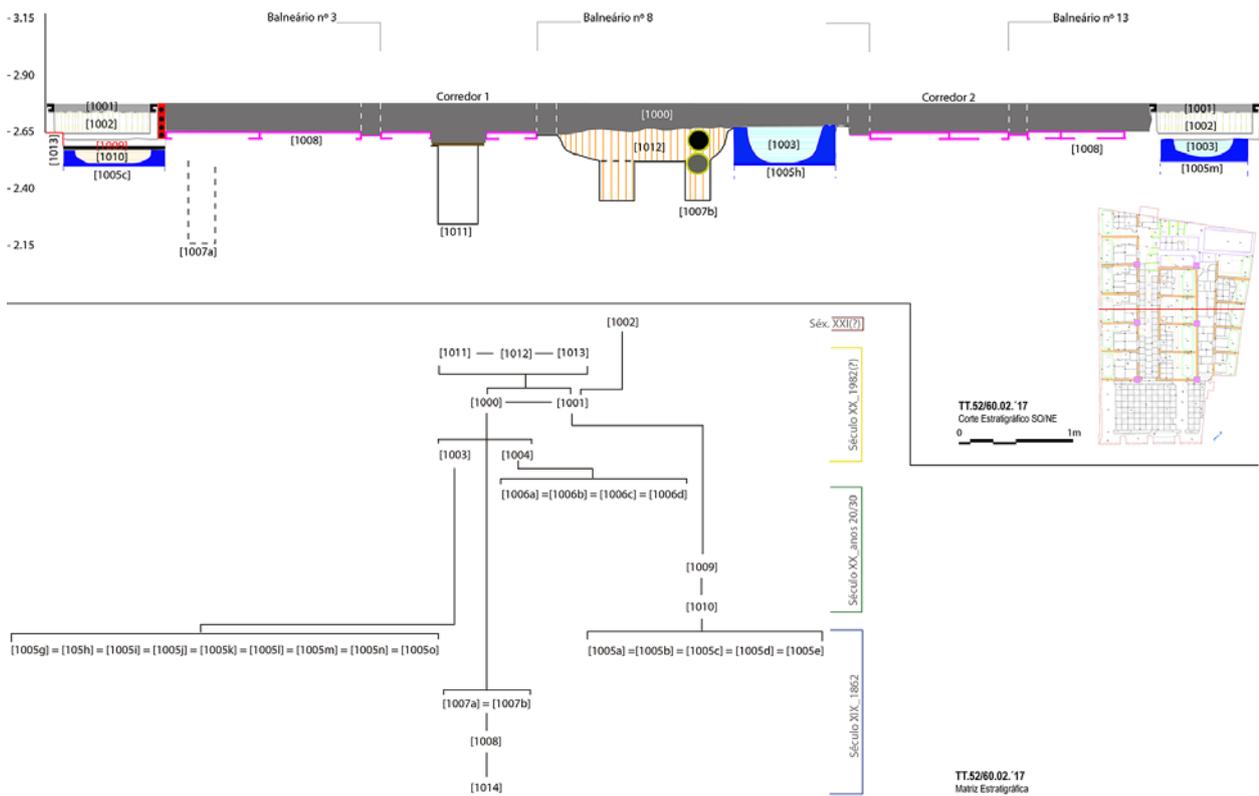


Figura 10 – Perfil estratigráfico transversal -SO-NE- e localização do mesmo na planta das ruínas arqueológicas resultantes da intervenção em área. Matriz Estratigráfica Geral da intervenção em área.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DEBIAA - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
CEIS30 | Universidade de Coimbra


Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**